

PERSEGUIÇÕES E MARTÍRIOS NA *HISTÓRIA ECLESIÁSTICA*: ANÁLISE DOS ESCRITOS DE EUSÉBIO DE CESAREIA

PERSECUTION AND MARTYRDOM IN *ECCLESIASTICAL HISTORY*: THE ANALYSIS WORK OF EUSEBIUS OF CAESAREA

Sílvia Sgroi BRANDÃO*

Resumo: Nossa proposta de estudo é nos debruçarmos sobre uma tradição religiosa popular, o *Cristianismo*, que se formou pouco a pouco. Tal tradição sofreu e sofre uma constante evolução desde sua gênese. Entretanto, com efeito, são nas perseguições aos mártires e martírios, cristalizados no período entre os séculos I e III d.C., que vamos delinear nossa discussão, na qual a essência cristã ainda estava sendo definida.

Palavras-chaves: Perseguições – Martírios – Cristianismo.

Abstract: Our proposal is explaining about a popular religious tradition, Christianity, which was formed gradually. This tradition has suffered and suffers a constant evolution since its genesis. However, in effect, is the persecution of martyrs and martyrdom, crystallized in the period between first and third-centuries A.D., which we will outline our discussion, where the Christian essence was still being defined.

Keywords: Persecution – Martyrdom – Christianity.

As perseguições ocorridas entre os séculos I e III d.C, delinea o ponto crítico e latente da Igreja, visto que, até o terceiro século da era cristã, as perseguições realmente pautaram a atuação da igreja. Prova evidente disto é o fato de tal período ter ficado conhecido historicamente como a *Era dos mártires*.

O que veremos a seguir é um esboço histórico de como se manifestaram essas perseguições, centrada na memória dos mártires, testemunhas perenes do amor de Cristo e da Igreja cristã, e na compreensão de como um fenômeno religioso foi capaz de perseguir, ridicularizar, torturar e matar “em nome da fé”. Para tanto, sustentamo-nos na principal fonte dos Atos dos Mártires, ou seja, na obra de Eusébio de Cesareia, *História Eclesiástica*, na qual Eusébio utiliza, de maneira brilhante, textos de Flávio Josefo, Tertuliano, Fílon e Tácito para atestar e dar legitimidade aos seus escritos.

* Mestre em História – Programa de Pós-graduação em História – UFMT – Universidade Federal de Mato Grosso, CEP: 78060-90, Cuiabá, Mato Grosso – Brasil. E-mail: silvia.sgroi@gmail.com

Eusébio de Cesareia, ao escrever sua *História Eclesiástica*, deixou bem claro que aqueles que se opusessem à fé cristã sofreriam os piores males, em contrapartida valorizou e enalteceu o martírio dos apóstolos, apresentando o martírio como modelo de fé a ser seguido por todos os cristãos.

A partir da análise dos textos pretendemos provocar uma discussão de como os mais diferentes autores, principalmente Eusébio, trataram a temática das “*perseguições e martírios na História Eclesiástica*”.

Perseguições e Martírios na História Eclesiástica

Apesar de submetido a duras perseguições por parte dos romanos e dos judeus, o Cristianismo adquire, no decorrer dos séculos II e III, grande força política e avanço, que se consolida no governo de Constantino (306-337), primeiro Imperador cristão. Certamente, ao que tudo indica, no final do século I a religião cristã fez grandes progressos, durante o qual foram construídas igrejas em Roma e na Espanha e, em meados do século II, estas haviam se estendido para as províncias orientais do Império Romano penetrando na Gália e no norte da África, ganhando consideráveis adeptos, assim como, por exemplo, M. Flavius Clemens e Flavia Domitília, primos irmãos de Domiciano, e M. Acilius Glabrio.

De este modo, en el siglo II, las ciudades litorales Tiro, Sidón, Berito, Biblos y Trípolis siguen siendo los centros de gravedad de la expansión Cristiana, y entre ellas, hacia el 250, gana Tiro hegemonia. En esta ciudad acabó Orígenes su vida, y en ella fue sepultado. Tiro dio también la mayor parte de los mártires em la persecución del siglo IV (BAUS in JEDIN, 1966, p. 528).

Entretanto, de certa forma, com o advento do avanço dessa nova religião (cristã), iniciam-se os tormentos aos seus seguidores, isto é, a religião cristã foi declarada como: *strana et illicita*: ilícita e estranha (decreto senatorial de 35), *exitialis*: perniciosa (Tácito), *prava et immodica*: malvada e desenfreada (Plínio), *nova et malefica*: nova e maléfica (Suetônio), *tenebrosa et lucifuga*: obscura e inimiga da luz (Octavius de Minucio), *detestabilis*: detestável (Tácito).

Pela própria ótica do Império, o cristianismo foi posto como fora da legalidade, perseguida e considerada como o mais perigoso inimigo do poder de Roma, o que ia de encontro ao culto ao Imperador, instrumento símbolo da força e unidade do Império. As autoridades civis e o próprio povo, antes indiferentes, demonstraram-se logo hostis à nova religião, em virtude dos cristãos recusarem o culto ao Imperador e a adoração às divindades pagãs de Roma. Os cristãos foram, por isso, acusados de praticar deslealdade para com a pátria, ateísmo e delitos ocultos, além de ser acusados da causa das calamidades naturais, como a peste, as inundações, a carestia, dentre outros.

Nessa conjuntura, pontuamos Domiciano (Imperador de Roma) que era alimentado pelos sarcasmos da elite romana, o qual procurava atendê-la golpeando os mártires cristãos¹, que eram espoliados ou executados por intolerância religiosa. No segundo século, segundo testemunho de Nicéfero, Timóteo que era discípulo de Paulo, foi martirizado durante o reinado de Domiciano, no ano 96 d.C., em Éfeso, cidade onde morava. No entanto, de certo modo, o combate ao cristianismo parece ter sido particularmente mais violento na Ásia. Dois anos após a morte de Domiciano, o Império caiu nas mãos de Trajano (98-117), que se vangloriava de manter a antiga intolerância romana. Para tanto, Trajano fixou uma norma de conduta, ou seja:

Os cristãos, com efeito, não partilham da fé do Império e são intransigentes com sua própria, desde que convictos de seus erros, deve-se puni-los, mas não se deve procurá-los e deve-se deixar de lado as denúncias anônimas e todo culpado que se arrepender deve ser libertado.

e assim, aqui e acolá eclodiriam chamadas de antagonismo e tombariam mártires e pagãos, devido às pressões entre os cristãos e a população local.

Nesse contexto histórico, mais hostil foram os Severos (193-211). Sétimo Severo, em 202, assina um rescrito visando, ao mesmo tempo, os judeus e os cristãos, estabelecendo o seguinte: “Fica interdito não apenas fazer-se cristão, mas também ‘fazer’ cristãos; a justiça não deve apenas esperar as denúncias e sim procurar os cristãos”. Certamente, é, sobretudo, no Egito e na África, onde o cristianismo progride rapidamente, locais onde, justamente, esse rescrito faz mais vítimas.

Outra onda de perseguição aos mártires se desencadeia na época de Décio (249-251) que estava preocupado em fazer o desgastado Império retornar às virtudes e ao

culto da antiga Roma. Este, no ano de 250, delineia um conjunto de normas, dentre elas, citamos:

A todos aqueles que, no território do Império, gozam do direito de cidadania romana são obrigados a se manifestar expressamente, (através de um sacrifício, uma libação ou participação em uma ceia sagrada) representando dessa forma sua adesão à religião oficial.

Um certificado (*libelli*) atestaria esse fato; sendo que, os contraventores poderiam sofrer a pena de morte. A aplicação desse edito provoca não poucas reneгаções, mas também encontra resistências que dão origem a numerosos martírios em Roma, na Ásia, no Egito e na África.

Quando, depois de dez anos, Diocleciano² assume o comando do Império (284), o mundo conhece então, um soberano cujas profundas reformas permitiram o Império conhecer a penúltima, grande explosão de perseguição aos cristãos. A vontade imperial de unificação administrativa e religiosa foi essencial aos olhos de Diocleciano e o papel mais importante desenvolvido pelo cristianismo na sociedade romana explica suficientemente a duração de dez anos (303-313) de uma violenta e sangrenta perseguição aos cristãos, à qual o nome de Diocleciano permaneceu definitivamente ligado.

As Primeiras Perseguições e Martírios

O primeiro, após Jesus, a sofrer o martírio, foi Estevão que, logo após sua aceitação, foi morto e apedrejado por aqueles que mataram o Senhor. Assim sendo, foi o primeiro a alcançar a coroa, cujo nome trazia das vitoriosas testemunhas de Cristo (AT 7,58-59). E foi justamente por causa do martírio de Estevão que os judeus desencadearam a primeira perseguição contra a Igreja de Jerusalém, motivo pelo qual os discípulos se dispersaram através de toda Judéia e Samaria, chegando a Fenícia, Chipre, e Antioquia.

Buscaremos agora sintetizar as perseguições sob Nero e Diocleciano, com intuito de dar luz ao nosso entendimento.

Perseguição sob Nero

Na primeira grande perseguição contra a Igreja, desencadeada pelo imperador Nero, depois do incêndio da cidade de Roma no ano 64, muitos cristãos foram martirizados com bárbaros tormentos. Nero, enquanto esteve no poder, realizou práticas ímpias, chegando a produzir a morte de inumeráveis pessoas a tal extremo que seu ardor não se deteve diante dos entes mais próximos, fazendo perecer sua mãe, seus irmãos, sua esposa e muitíssimos outros familiares, mortos de várias maneiras, como se fossem adversários e inimigos. Este fato é testemunhado pelo escritor pagão Tácito e por São Clemente, Bispo de Roma, na sua Carta ao Coríntios (cap.5-6), do ano 96. Dele faz menção também o latino Tertuliano, quando declara:

Consultai vossas memórias. Nelas encontrareis que Nero foi o primeiro a perseguir esta doutrina, sobretudo quando, após ter submetido o oriente, era cruel em Roma para com todos, nós nos gloriamos de ter alguém como ele por autor de nosso castigo, pois quem o conhece pode entender que Nero nada condenaria que não fosse um grande bem.

Ele, portanto, proclamado primeiro inimigo de Deus entre os que mais o foram, levou sua exaltação a ponto de fazer degolar os Apóstolos.

Perseguição de Diocleciano

Diocleciano reabilitou as velhas tradições, incentivando o culto dos deuses antigos. De uma personalidade bem tradicionalista, o imperador jamais abandonaria os rituais do paganismo em favor de uma religião de origem estrangeira e, atendendo as insistentes propostas de Galério, homem de origens humildes e também, como soldado, muito aderido ao paganismo, que considerava que a presença de funcionários cristãos na corte retirava aos sacrifícios e outras práticas rituais sua eficácia; perseguiu os maniqueus, que praticavam uma religião de origem persa e empreendeu aquela que é conhecida por alguns historiadores eclesiásticos como a última grande perseguição empreendida pelo Império Romano contra o Cristianismo, ou seja, a *Era dos Mártires*.

Em fevereiro de 303, foi lançado um primeiro edito imperial que ordenava a destruição geral de igrejas, objetos de culto cristãos, e a destituição de funcionários que fossem adeptos da "nova" religião. Um segundo edito ordenou a prisão geral do clero e, um terceiro, previa a libertação dos cristãos em caso de apostasia. O quarto e último, de 304, ordenava a toda a população do Império a sacrifício aos deuses sob pena de morte ou trabalhos forçados em minas.

As perseguições de Diocleciano esbarraram, no entanto, na falta de entusiasmo de uma população já bastante cristianizada, especialmente no Oriente, onde Diocleciano e Galério governavam diretamente. Na parte do Ocidente sob sua administração, o César Constâncio Cloro limitou-se a aplicar o primeiro edito, também sem muito entusiasmo, no entanto, o zelo administrativo dos funcionários, foi suficiente para garantir perseguições violentas no Oriente como na parte do Ocidente governada por Maximiano (Itália e África), que só arrefeceriam em 311, quando Galério, moribundo, pediu orações aos cristãos pelo seu restabelecimento.

Os Mártires na visão de Eusébio de Cesareia

De certo modo, efetivamente, foi através das perseguições de Diocleciano que Eusébio de Cesareia dirigiu o seu interesse para os mártires, tanto os da sua época, como os anteriores. Esse interesse levou-o a escrever, praticamente, uma história da Igreja, uma história universal que, segundo o ponto de vista de Eusébio, seria apenas a base para a História Eclesiástica. Nota-se, pois, que, para Eusébio, a Igreja aparece como sendo o motor da História da Humanidade.

No entanto, porém, existem algumas páginas nessa História Eclesiástica que merecem grande atenção. São as que se referem aos mártires dos primeiros séculos da Igreja Cristã tratada na obra de Eusébio de Cesareia. Os Mártires reportados, na maior parte da obra de Eusébio, tratam-se do segundo e final do terceiro séculos, quando o sangue foi derramado em grande abundância em nome da fé cristã. Os martirizados eram considerados heróis da causa cristã e sua veneração tornou-se significativa no mundo cristão e o seu culto originou-se no século II.

Eusébio de Cesareia, meticulosamente, reuniu informações sobre as perseguições aos mártires, no bojo da sua monumental obra da História da Igreja. Trata-

se de uma abordagem documental histórica e lógica sobre a figura e contextualização da Igreja Primitiva, suas perseguições e martírios. Certamente, os eventos testemunhados por Eusébio estão centrados na história dos mártires da Palestina, local onde viveu boa parte de sua vida. Nesse tempo, ele já havia sido ordenado presbítero e estava sob ameaça de prisão.

Quando a perseguição chegou a Cesareia, Eusébio testemunhou *in loco* quando muitos cristãos pagaram a pena máxima por causa de sua fé e a criação de novos editos com o intuito de intensificarem as perseguições: igrejas foram destruídas, Escrituras foram queimadas e cristãos foram torturados e executados. Entretanto, o número de mártires crescia na medida em que as conversões aumentavam e, com isso, o Império se sentia contestado.

O cristianismo foi, aos poucos, suscitando a hostilidade dos judeus e cresceu o bastante para assinalar diferenças e evocar toda sorte de perseguições. Surgiram então os *Atos dos mártires*, documentos que narravam os padecimentos e morte dos cristãos condenados, que se destinavam à leitura nas comemorações anuais em sua honra, como ato de culto público. Tomavam como base as informações oficiais dos julgamentos e os testemunhos pessoais. Entre os *Atos* conhecem-se o *Martírio de s. Pedro e s. Paulo*, *Martírio de Policarpo* (115), *Atos de Justino e seus companheiros* (163-167), etc. Com efeito, citaremos alguns, martírios descritos por Eusébio em sua *História Eclesiástica*.

Martírio de São Policarpo (†156)

São Policarpo foi ordenado bispo de Esmirna pelo próprio São João, o Evangelista, por possuir um caráter reto, de alto saber, amor a Igreja e fiel à ortodoxia da fé, sendo respeitado por todos no Oriente. Com a perseguição, o Bispo de 86 anos escondeu-se até ser preso e, assim, foi levado para o governador, que pretendia convencê-lo a retrair-se perante os antigos deuses. Policarpo, porém, segundo Eusébio de Cesareia, proferiu estas palavras:

“Há oitenta e seis anos sirvo a Cristo e nenhum mal tenho recebido Dele. Como poderei rejeitar Aquele a quem prestei culto e reconheço como meu Salvador?”. Condenado no estádio da cidade, ele próprio subiu na fogueira e testemunhou para o povo: "Sede bendito para

sempre, ó Senhor; que o Vosso nome adorável seja glorificado por todos os séculos”.

Martírio de s. Pedro e s. Paulo Narrado por Eusébio (†340)

Estando Nero no poder, realizou práticas ímpias e tomou as armas contra a própria religião do Deus do universo. Descrever de que malvadez foi capaz este homem não é tarefa da presente obra, pois muitos já transmitiram seus feitos em precisos relatos e poderá talvez alguém agradar-se de aprender a grosseira demência desse estranho homem, que, levado por ela e sem a menor reflexão, produziu a morte de inumeráveis pessoas e a tal extremo fez chegar seu ardor homicida que não se deteve ante os entes mais próximos e caros, fazendo perecer sua mãe, seus irmãos, sua esposa e muitíssimos outros familiares, mortos de várias maneiras, como se fossem adversários e inimigos. Mas deve-se saber que ao dito faltava acrescentar ter sido ele o primeiro imperador que se mostrou inimigo da piedade para com Deus. Dele faz menção o latino Tertuliano, quando diz: “Consultai vossas memórias. Nelas encontrareis que Nero foi o primeiro a perseguir esta doutrina, sobretudo quando, após ter submetido o oriente, era cruel em Roma para com todos. Nós nos gloriamos de ter alguém como ele por autor de nosso castigo, pois quem o conhece pode entender que Nero nada condenaria que não fosse um grande bem”. Ele, portanto, proclamado primeiro inimigo de Deus entre os que mais o foram, levou sua exaltação ao ponto de fazer degolar os Apóstolos. Diz-se efetivamente que, sob seu império, Paulo foi decapitado na mesma Roma, e Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. E desta referência dá fé o título de Pedro e Paulo que predominou para os cemitérios daquele lugar até o presente. Não menos o confirma um varão chamado Caio, o qual viveu quando Zeferino era bispo de Roma. Disputando por escrito com Proclo, dirigente de seita catafriga, diz, acerca dos mesmos lugares em que estão depositados os despojos sagrados dos mencionados apóstolos, o que segue: “Eu, porém posso mostrar-te os troféus dos apóstolos, pois, se fores ao Vaticano ou ao caminho de Óstia, encontrarás os troféus dos que fundaram esta igreja”. Que os dois sofreram martírio na mesma ocasião, afirma-o Dionísio, bispo de Corinto, na correspondência travada com os romanos, com os termos seguintes: “Nisto também vós, por meio de semelhante admoestação, conjugastes as plantações de Pedro e Paulo, a dos romanos e a dos coríntios, porque, depois de plantarem ambos em nossa Corinto, ambos nos instruíram e, depois de ensinarem também na Itália, no mesmo lugar, sofreram os dois o martírio na mesma ocasião. Sirva igualmente isto para maior confirmação dos fatos narrados” (EUSEBIO, LIV. II c. 25; p.g. 109-111s. História Eclesiástica).

Eusébio de Cesareia cita ainda um escritor do segundo século, chamado Hegesipo, que descreve a morte de Tiago. Afirma este autor que tinha se levantado um

conflito entre os judeus convertidos e os descrentes a respeito de Jesus ser ou não o Messias e, ainda segundo Eusébio, pediram a Tiago que resolvesse a questão. “Os escribas e fariseus” – diz Hegesipo – “Colocaram Tiago de um lado do templo e exclamaram, dirigindo-se a ele: visto que o povo é levado em erro a seguir a Jesus que foi crucificado, declara-nos qual é a porta pela qual se chega a Jesus, o crucificado?”. Ao que ele teria respondido em alta voz: “O Filho do Homem está agora assentado nos céus, à mão direita do grande poder e está para vir nas nuvens do céu”. E como muitos se gloriaram no testemunho de Tiago, estes mesmos sacerdotes e fariseus tomaram a decisão de levá-lo à parte alta do templo e de lá o lançaram abaixo, passando em seguida a apedrejá-lo, visto não ter morrido logo que caiu no chão, enquanto, ajoelhando-se pedia o perdão de Deus aos seus agressores. Deste modo ele sofreu o martírio.

Desta forma, através da obra de Eusébio de Cesareia, identificamos que até ao terceiro século da Era cristã, as perseguições aos mártires realmente pautaram a atuação da igreja. E é prova evidente disto o fato de tal período ter ficado conhecido como a *Era dos Mártires*.

Eusébio de Cesareia e sua obra: História Eclesiástica

Eusébio teria nascido em Cesareia³ da Palestina, por volta do ano 265, durante o reinado do Imperador Galeno. Quase nada se sabe sobre sua infância e adolescência e não há qualquer indicação de que ele tenha nascido ou crescido numa família cristã, mas sabe-se que recebeu ensino cristão. Eusébio, durante sua juventude, foi grandemente influenciado por um presbítero de Cesareia chamado Pânfilo, que era um estudioso de considerável reputação. Eusébio recebeu de Pânfilo uma sólida formação intelectual, sobretudo histórica, sendo considerado posteriormente como pai da História da Igreja Cristã.

Em 314, Eusébio foi eleito bispo de sua cidade (Cesareia) e considerado por muitos como homem mais erudito do seu tempo. Escreveu muitas obras de teologia, exegese, apologética, mas a sua obra mais importante foi sem dúvida a *História Eclesiástica*. Nessa obra, a apologética cristã atinge grande sofisticação para o período e

Eusébio utiliza de maneira brilhante textos de Flávio Josefo, Tertuliano, Fílon e Tácito para atestar e da legitimidade aos evangelhos.

A obra *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia é apresentada em 10 (dez) volumes, que são os frutos de 25 anos de pesquisa histórica, contínua e apaixonada. Ele narra, nos sete primeiros livros, a história da Igreja das origens até 303. Os oitavo e nono livros referem-se à perseguição iniciada por Diocleciano em 303 e concluída, no ocidente em 308, tendo continuado no oriente com Galério, até o Edito de tolerância de 311 e à morte de Maximino (313). O décimo livro descreve a retomada da Igreja até a vitória de Constantino sobre Licínio e à unificação do império (323).

Ainda antes dessa obra, Eusébio tinha recolhido e transcrito na *Coleção dos antigos Mártires*, uma vasta documentação (atos dos processos de mártires, paixões, apologias, testemunhos de indivíduos e comunidades) sobre os mártires anteriores à perseguição de Diocleciano; o livro foi perdido, mas Eusébio tinha retomado em parte o tema na *História Eclesiástica*. Poucado pela perseguição de Diocleciano (303-311), Eusébio foi dela uma testemunha de importância excepcional, porque enquanto testemunha ocular presenciou a destruição de igrejas, as fogueiras de livros sagrados e muitas cenas selvagens de martírio na Palestina, na Fenícia e até na distante Tebaida do Egito, deixando-nos de tudo, uma memória de grande valor histórico sobre a temática das perseguições e martírios daquele período.

Considerações Finais

Com efeito, ainda que a atitude do poder em relação aos cristãos, ao longo dos séculos II e III, careça de clareza, é através das análises dos textos estudados, principalmente a *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, que vislumbramos a existência de incomensuráveis martírios, a partir dos quais os mártires, em nome da fé na ressurreição de Jesus e, na espera de sua volta iminente, deram seus testemunhos e suscitaram novos crentes, mas também alimentaram a oposição (anticristã) e as perseguições.

Observamos que os três primeiros séculos definem a época dos mártires, que terminou em 313 com o Edito de Milão, por meio do qual os imperadores Constantino e Licínio deram liberdade de culto aos cristãos. E de certo, que muitos dos soberanos,

perseguiram e insultaram os mártires e, por isso, por toda parte o “espetáculo” dos tormentos eram muito variados e extremamente cruéis. Contudo, aos períodos de perseguições seguiam-se períodos de relativa tranquilidade.

Enfim, é desta forma, que se tem início a história da Igreja, da sua missão e expansão para além dos confins da Palestina, em todo o mundo. Uma história rica de conflitos, tensões e perseguições motivados pela “fé”, na qual o mundo se defronta com o Evangelho que precede a obra de Eusébio. Podemos apontar, sem dúvida, que Eusébio contribui de forma excepcional, deixando-nos apesar de tudo, uma comovente memória de grande valor histórico.

Apesar de suas lacunas e erros, a *História Eclesiástica* continua a ser a obra histórica mais conhecida e, muitas vezes, a única fonte de informação. Através dessa obra, é que vislumbramos o início de uma história de ações e reações, de fidelidade e infidelidade, de intuições, de acertos e erros, de vitórias e fracassos entre os povos cristãos e não cristãos. E tudo isso é a história dos mártires e dos crentes nessa fé. A supracitada perseguição, no entanto, não pode ser vista como uma novidade ou um fato isolado, visto que, desde quando Cristo foi colocado numa cruz, teve início uma longa história, na qual os primeiros cristãos conheceram e sentiram essas perseguições, seguidas de tortura e morte em nome de Cristo, ocorridas nesse período, ou seja, a história dos mártires cristãos é a história das pessoas que se tornaram célebres pela lealdade em nome da fé que acreditavam em meio às perseguições que sofreram e as ofensas que enfrentaram, devido à crença que professavam em nome de Cristo.

Referências Bibliográficas

ENCICLOPEDIA CATTOLICA. A cura de Angelo Penna. Cidade do Vaticano, 1950, vol. V, p. 842-854.

EUSÉBIO DE CERSAREIA. *História Eclesiástica*. Tradução Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. Col. Patrística 15. São Paulo: Paulus, 2000.

JEDIN, Hubert (Dir.). *Manual de Historia de la Iglesia*. Barcelona: Herder, 1966.

Notas

¹ O termo *mártir* vem do grego, significando "testemunha", e o *Mártir Cristão* é alguém que prefere a morte a negar a Cristo ou a Sua obra; sacrificar algo que considere de muito valor em favor do avanço do Reino de Deus; suportar grande sofrimento pelo testemunho cristão.

² Diocleciano foi um imperador romano entre 284 e 305. Instituiu a Tetraquia Imperial. Empreendeu aquela que é conhecida por alguns historiadores eclesiásticos como a última grande perseguição empreendida pelo Império Romano contra o Cristianismo.

³ Cesareia Palestina, também chamada de Cesareia Marítima, uma cidade construída por Herodes, o Grande cerca de 25-13 a.C., situa-se na costa mediterrânea de Israel, a cerca de meio caminho entre Telavive e Haifa, num local anteriormente chamado *Pyrgos Stratonos* ("Strato" ou "Torre de Straton", em Latim *Turris Stratonis*). Cesareia Palestina não deve ser confundida com outras cidades batizadas em honra de César, como Caesarea Philippi, também na Palestina, ou Caesarea Mazaca na Capadócia anatólica.

Artigo recebido em 12/07/2013. Aprovado em 26/08/2013.